

SÃO MATEUS EM MOVIMENTO

ENTREVISTADOS:	Fernando Rodrigo de Carvalho (Negotinho)
Localização da atividade:	Vila Flávia / São Mateus
Área de Atuação:	Espaço Cultural Independente
Data da entrevista:	30/08/2020
Entrevistadores:	Ireldo Alves e Renata Eleutério – CPDOC Guaianás

BREVE DESCRIÇÃO

Em 2008 um grupo de jovens, moradores da Vila Flávia, bairro de São Mateus, distrito localizado na zona leste de São Paulo, descontentes com a precariedade da região, diante da falta de oportunidades, tanto em educação, lazer e cultura, decidiram agir, e criaram um espaço comunitário, nomeado como “Espaço São Mateus em Movimento”. Os idealizadores são o articulador cultural “Negotinho” e o coletivo de graffiti “Grupo OPNI”. Estes contaram com a colaboração especial da Dona Vera, antiga moradora do bairro, que cedeu parte de sua residência para a construção do espaço.

ENTREVISTADO:

FERNANDO RODRIGO DE CARVALHO - NEGOTINHO

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Negotinho: Meu nome é Fernando Rodrigo de Carvalho, mais conhecido como Negotinho, sou um dos fundadores do São Mateus em Movimento, espaço cultural que reside dentro da Favela da Vila Flávia, aqui no distrito de São Mateus, né. Em 1995, onde a história começa que foi um start pra que a gente procurasse uma mudança para o nosso território, através do rap nacional. Sou o Mc do Rima Fatal, grupo de rap, né, que luta através da música para a melhor qualidade de vida pras pessoas das favelas. Fazendo isso, escrevendo música cantando no Brasilsão afora e entendendo as necessidades que as quebradas tem e dentro da nossa favela nós não tínhamos praça, não tem campo, não tinha ponto de cultura, não tinha uma área de lazer onde as crianças pudessem tá ocupando. Não tinha uma biblioteca, então o rap nacional, o hip hop no geral, ele proporcionou esse conhecimento pra nós, onde a gente pode em 2007 criar o São Mateus em Movimento. Então, a história do São Mateus em Movimento ela começa em 1995 quando

através do rap nacional e em 2007 a gente funda o São Mateus em Movimento com outros coletivos e com o coletivo de grafite que é o grupo Opni. Então onde chegamos nessa conclusão: a raiz do São Mateus em Movimento é o rap, o hip hop, no geral e a capoeira né, porque esse espaço aqui onde estamos é em cima da minha casa, casa da dona Vera, era pra ser meu puxadinho, mas é... por conta do São Mateus em Movimento ser criado aqui em cima da laje... Começamos a fazer as atividades, os ensaios de rap, abrir a porta pra comunidade, pra que a comunidade entendesse a necessidade de ter um conhecimento cultural em vários âmbitos. Como nós na época eram um pouquinho mais jovens e tavamos circulando muito, a gente via que a nossa favela não tinha nada, além das coisas ruins que existem dentro da comunidade que ficam à disposição da juventude. Aí a importância do São Mateus em Movimento é justamente essa, é reduzir danos e transformar vidas né, através da cultura e da educação. Nós temos aqui hoje dentro do espaço diversas oficinas culturais, musicalização, tem capoeira, tem Jiu Jitsu, tem o reforço escolar, o São Mateus em Movimento também tem um cursinho popular né pra direcionar pra uma universidade e tal, chama cursinho popular São Mateus em Movimento que acontece na escola Chibata agora porque o nosso espaço ficou pequeno pro curso. Né, então, ao longo desses anos, exatamente nesse ano agora nós estamos completando treze anos de trabalho. Um trabalho muito árduo assim, porque quando começamos não tínhamos o conhecimento do que precisava pra ter uma associação, pra ser uma associação né. E ter uma suposta documentação pra poder atuar assim com mais tranquilidade e regulamentado. De 2007 a 2011 o São Mateus em Movimento trabalhou sem ter documentação, mas trabalhando só com o sangue mesmo e com a disposição dos coletivos que estavam vindo nos ajudar, além dos MCs, dos grafiteiros e outros voluntários. Quando chegou em 2011, tivemos um conhecimento, à informação que...que precisávamos ter essa documentação pra poder angariar recurso que no qual a gente não sabia que existia, os fomentos assim pra cultura e tal então a gente começou a ter acesso a editais. Pô existe editais que vocês pode inscrever o projeto e tal pra poder capitalizar o recurso pra dar continuidade no trabalho. Em 2011 a gente consegue registrar o São Mateus em Movimento como um espaço de cultura, arte e educação. A partir daí a gente começou a escrever projetos pra poder ter um recurso pra melhorar o nosso espaço, pra melhorar o atendimento e trazer mais diversidades culturais pra dentro da favela né, então. Hoje a gente pode dizer que o São Mateus em Movimento ele impactou diretamente na transformação dos nosso território, né. Essa é a fita que o rap tem que proporcionar, uma transformação de vida, e o nosso São Mateus em Movimento é a prova disso, né. Eu acho que é um dos poucos espaços culturais que nasce dessa forma, assim, através da forma do entendimento do hip hop, e

entendeu? Então são 13 anos de trabalho com vários shows na rua, grafitamos a favela inteira conseguimos aí, também, fundar a Favela Galeria, hoje uma das maiores da América Latina. Hoje o nosso espaço tem biblioteca, tem gibiteca né, tem uma sala de, pra poder fazer edição de vídeo e tal e é um espaço onde a comunidade vem também pra poder também fazer suas reuniões, discutir melhorias também pra dentro comunidade. Aqui é um espaço de debates também. Um espaço realmente voltado para a transformação do território além da...muito mais além do que as pessoas imaginam que é. Vem aqui só aprender música, legal a gente não vem formar só músico, a gente tem que formar seres humanos de bem, tirar a juventude da rua, salvar as gerações que tão vindo, né. E pensamos o São Mateus em Movimento ele é muito isso. Ele é um espaço que traz as pessoas pra dentro na intenção de transformar.

Então no ano de 2019, o São Mateus em Movimento criou a barbearia escola, a barbearia ABC né, Arte, Barba e Cabelo pra que as pessoas além de ter um conhecimento cultural dentro do São Mateus em Movimento, aprendendo diversas atividades, a gente também ter uma formação profissional, porque gerando trabalho pra juventude é uma forma também que ele muda um pouco o foco dele pra realidade que ele vive dentro da comunidade. Então ele tem um ponto onde ele possa se profissionalizar e ter a sua profissão nessa parte da estética, da beleza, e tudo o mais...Pensando nisso o São Mateus em Movimento cria essa barbearia e hoje ela é aberta fazendo a geração de renda com o jovem que já é formado, diplomado, atuando cortando o cabelo, fazendo outros cursos de especialização fora. E a intenção nossa é formar por ano cinco jovens barbeiros, cabelereiros que possa tá abrindo outras barbearias fora do território ou dentro também, né. E com isso a gente consegue, além de dar o curso empregar esses jovens. Então, a intenção é que a gente possa ter filiais dessa barbearia, pra que a gente possa formar esse jovem e já direcionar esse jovem pro mercado de trabalho, sendo criado por nós mesmos. Então a gente já tem toda uma linha de trabalho com objetivo a ser seguido.

O São Mateus em Movimento hoje também a intenção é que a gente mude de espaço e deixe esse espaço como um patrimônio histórico do nosso bairro, do nosso território, da nossa Vila Flávia, onde a gente vai poder trabalhar com mais exposições aqui né, ter uma sala pra discutir e diminuir um pouco o fluxo de atividades culturais aqui dentro e conseguir um outro espaço melhor dentro da comunidade também, onde a gente possa atender mais crianças e atender melhor a comunidade. E aí a gente com isso a gente vai conseguir ter um espaço que é um patrimônio, que vai ter uma biblioteca onde a pessoa vai vir vai poder estudar, vai ter uma parte tecnológica pra ela poder acessar, poder fazer pesquisa e tudo o mais. E esse outro espaço que a gente pretende é um espaço onde a gente quer pegar fogo mesmo pra ter o máximo

possível de atividades e com mais criança, porque no nosso espaço hoje aqui, um exemplo, na aula de capoeira é trinta aluno no máximo, mas a demanda de espera é muito maior. Então a gente quer um espaço que a gente possa atender as pessoas sem ela ter que entrar em uma lista de espera, porque a ideia da transformação é essa, onde a pessoa entra, ela já começa como se fosse a cultura como se você quisesse se alimentar né. Então quando você tá com fome, você tem que comer naquele momento. Então se a pessoa vem buscar uma atividade que seja de musicalização, que seja da parte esportiva, a gente entende que ela tem que chegar e tem que ser atendida e já iniciar, porque nesse momento ela está com fome de cultura, com sede, ela tá querendo fazer. E se ela chega aqui e cai numa lista de espera de um mês, de dois meses, de três meses, isso tudo, vai acabar com que ela possa tá mudando o foco dela. Então a nossa intenção é que seja a coisa imediata, então chegou, foi atendido e inicia melhorando a sua história de vida. Geralmente tem muitos jovens, muitas crianças que vem a gente percebe que eles não tem uma direção, não tem uma direção familiar, então procura o nosso espaço e aí a gente vai, vai acompanhando toda essa trajetória do jovem ou da criança e vai vendo o impacto que causa dentro da casa dele, né, essa educação que ele tá adquirindo aqui, o respeito que ele tem que ter com a família. A gente quer que a família também venha, veja o que o jovem está fazendo. Porque também não adianta entrar aqui, a gente passa uma...uma um conhecimento e quando ele chega em casa, esse conhecimento seja destruído por outras questões. Né, então é aquela tal coisa, vem o jovem tem que vir o pai, tem que vir a mãe junto também pra que depois ele não mude o foco.

Renata CPDOC Guaianás: Negotinho conta um pouco pra gente a sua história, você nasceu aqui mesmo, você cresceu aqui, sua mãe dona Vera, o que ela achou disso tudo nessa garagem aqui em cima? (Risos)

Negotinho: Eu cheguei aqui em São Mateus, na Vila Flávia, nesse terreno em 1982. Sou filho sem pai, minha mãe dona Vera é mãe solo, ela conseguiu construir essa casa aqui, com muito trabalho, trabalhando na metalurgia, ela era metalúrgica. Depois saiu da metalúrgica é... por conta de problema de saúde não dela mas meu, com tudo isso nesse tempo de trabalho dela que ela saiu da metalúrgica e virou diarista, depois virou empreendedora vendendo roupa, hoje ela é dona de brechó e diarista também né. E essa casa que estamos ela construiu justamente pra que a gente, eu e meu irmão tivéssemos o nosso espaço pra morar, só que com 18 anos eu me formei em capoeira. Sou formado em capoeira. Ela via que eu ficava aqui em cima da laje

treinando demais e tal que eu também aquela coisa do foco que eu disse. Então quando eu comecei com a capoeira, com 12 anos, meu objetivo era me formar em capoeira e digo mais não sei da onde que veio essa história assim na minha cabeça, essa questão da, essa vida na capoeira que eu sempre falei vou me formar em capoeira e vou começar a dar aula gratuitamente, porque entendendo que a capoeira é uma arte brasileira baseado no que a gente ouviu falar da China que lá o kung fu, todas as criança tem que aprender kung fu e tal essas coisas todas. Então eu falei pô, se lá é o kung fú, todas as crianças daqui do Brasil tem que aprender capoeira, que isso tem que ser, tá no currículo escolar. Saca? Ela não precisa aprender capoeira pra ser professor, pra dar aula, mas como uma atividade física, como uma atividade mental também né, que a capoeira meche com tudo isso faz você usar as duas áreas do cérebro ao mesmo tempo. Então a minha cabeça era essa, era todas as crianças tem que saber no mínimo um pouco de capoeira, tem que saber um pouco de capoeira. Comecei a dar aula aqui, justamente na escola que eu fui expulso né, eu fui expulso da escola talvez porque o sistema de ensino, não só dessa escola, mas o sistema de ensino brasileiro ele não consegue captar as habilidades que a juventude tem. Então é mais cômodo eles entender que um aluno bagunceiro, um aluno que só quer jogar futebol, um aluno que só quer jogar vôlei, jogar basquete, fica pulando o muro, fica correndo, tal tal tal, o sistema hoje não consegue enxergar um potencial esportivo nesse aluno e entende como bagunça, balburdia, e aí acharam mais cômodo me expulsar da escola né. Então eu fui expulso da escola e consegui me formar também, completar o segundo grau já numa escola particular, porque na minha cabeça também eu não... e a Dona Vera pressionando, falando: “meu você pode fazer qualquer coisa, mas você não vai parar de estudar, cê não vai parar de estudar”. Então quando eu fui expulso eu já entrei numa escola particular, eu já trabalhava e paguei, fiz um ano de supletivo pra recuperar o ano de expulsão e depois fiz mais um ano inteiro, aí eu me formei na escola e me formei na capoeira e aí surgiu o projeto Escola da Família na época e esse projeto Escola da Família... aí eu voltei na escola pra dar aula de capoeira e, por incrível que pareça, dentro da escola eu consegui que... em torno de sessenta aluno por aula. O páteo era muito grande. Então eu comecei a mover muito a comunidade através da capoeira, o pessoal via eu andando com o berimbau pra cima e pra baixo, um monte de criança me seguindo, indo pra capoeira e tal, então é... o espaço cultu... o espaço São Mateus em Movimento, antes de ter esse nome de São Mateus em Movimento, o pessoal falava de ir pra capoeira, “vamo pra capoeira, vamo pra capoeira” e era o espaço. Então quando eu cheguei nessa escola, aula e tal, nem os professores que supostamente me davam nota zero eles pensaram que com aquela expulsão, que na época como vocês podem lembrar disso que tá

na história, que nos anos 90 ali até o início dos anos 2000, ali a juventude era muito assassinada nas favelas memo, era morte pra tudo quanto é lado, então aqui na frente do nosso espaço mesmo, eu já acordei com corpo na frente do portão, entendeu? Assassinado, corpo do lado isso e aquilo outro, então... e no período escolar a direção da escola via que tava perdendo muitos jovens pra criminalidade, muitos jovens assassinados por grupos de extermínio que tinha dentro do nosso território e eles pensavam também que eu tinha morrido. Né, então quando eu voltei e eles viram que era eu que tava dando aula de capoeira pra mais de 60 alunos na escola que eu fui expulso foi motivo até de lágrima de certos professores. Porque falaram, pô ele foi expulso e agora ele retorna e tá nos ajudando a ajudar os alunos a ter disciplina porque eu comecei a cobrar dos aluno pra estudar pra não destruir, não fazer o que eu fazia na escola, nessa questão assim de bagunçar, de destruir o patrimônio, mas influenciado pela má educação que o sistema oferece também. Entendeu? Então, tipo assim, é a questão de jovem sem controle, mas é sem controle porque não tem ninguém pra controlar, então se já não tem em casa, eu já não tinha em casa, minha mãe trabalhava fora, sempre trabalhou e tal, então ela só falava “meu almoço, acorda e vai pra escola e tal, quando eu voltar, eu quero ver a casa limpa” e isso e aquilo outro e tal. A gente não tinha nem essa direção de falar pô cê tem que estudar porque você vai fazer uma faculdade, pra você fazer isso e fazer aquilo. Não, naquela época era só se formar ali, ter o segundo grau e tal e já era, entendeu. Então na minha cabeça era isso, nunca ouvi falar na escola como eu tinha que fazer pra chegar lá numa faculdade. Então, filho sem pai, com a mãe ausente trabalhando pra caralho pra poder dar uma melhor qualidade de vida pra nós, então o único refúgio que eu tinha era a escola e a escola não conseguiu me dar uma direção né então. Fui criado pela rua praticamente, pelas pessoas mais consciente da rua e aí quando eu pude conhecer a capoeira, aí a cabeça já muda, já vou mudando a realidade de outras pessoas, né. O São Mateus em Movimento já entra nessa situação, eu ter meu próprio espaço pra poder dar aula porque o projeto escola da família acabou e eu também tive acabar as aulas na escola e aí os alunos vieram pra cá pro São Mateus em Movimento. Hoje a gente tem vários alunos formados em capoeira. Hoje quem dá aula de capoeira aqui no São Mateus em Movimento não sou mais eu é o mestre Rato e a professora Michele, que são formados da nossa, da minha geração de capoeira né que é o grupo Arte do Revide Dança da Morte, Arte do Revide que é do mestre Lampião, esse grupo ele é de 1980. Esse grupo de capoeira criado em São Mateus pelo mestre Adão. Então a gente pode perceber que a disciplina que a gente recebeu e pode tá fazendo um espaço cultural dentro da quebrada é um entendimento do hip hop, é um entendimento da capoeira, é um aprendizado que tivemos na rua com pessoas conscientes,

porque eu tinha de tudo pra dar errado que era o que o sistema queria né, te frustrei. Então é hoje a gente consegue trocar ideia com outras pessoas, trazer eles pra fazer uma formação cultural, explicar pra eles como que a gente conseguiu e ta conseguindo manter o São Mateus em Movimento. O São Mateus em Movimento em si ele foi memo ao longo dessa história por conta do nosso conhecimento e por conta da Dona Vera. Qual que é a outra pessoa, a outra mulher trabalhadora e tudo o mais que vai doar um espaço e falar meu, faz lá esse espaço aí, atende a comunidade, traz esse pessoal pra dentro aí e tira da rua acaba dando uma direção É raro, raro. Então ela deixou de ter uma geração de renda em cima desse espaço que ela poderia, já que eu não quis morar aqui, né. A gente male mar dormia aqui eu e meu irmão e fazer um espaço cultural sem ter geração de renda, mas ela acreditava que era melhor eu estar aqui fazendo tudo isso do que ta na rua à disposição do crime. Como é que era, era o que o sistema queria né? Mas não foi.

Então o São Mateus em Movimento ele é enraizado na rocha, a raiz dele é edificado na rocha e a gente ao longo desses anos ele já esteve fechado porque a gente foi trazendo coisas pra dentro e tudo o mais o espaço foi ficando pequeno e a gente começou a fazer atuações na rua, nas vielas. Transformando a rua e as vielas enquanto a gente buscava recurso e parceiros pra fazer manutenção aqui pra arrumar e deixar o espaço legal e agradável pra atender a comunidade melhor. Né porque então até então era a casa da Dona Vera, era a casa do Negotinho, o espaço do Negotinho, ou a capoeira e tudo mais, as pessoas não estavam se apropriando do espaço em potencial que poderia transformar a vida delas. Então hoje as pessoas já entendem que o São Mateus em Movimento é um espaço transformador. Entendeu, então quem participou desde o começo e não largou a nossa história, assim as nossas dificuldades, quem estava no momento ruim e que estava nos momentos bons e estavam até hoje com certeza alguma coisa adquiriu. Uns se formaram, hoje a gente tem doutor no coletivo, hoje a gente tem pedagogo no coletivo. Tudo em cima das portas abertas que eles encontraram no São Mateus em Movimento e viram que o mundo é cheio de possibilidades boas, né, cheio de oportunidades. Até mesmo cheio de oportunidades, até mesmo de oportunidades, porque as pessoas tem que buscar as oportunidades dela não esperar a oportunidade ser dada que é muito difícil isso. Entendeu, então a partir do movimento que a juventude entra aqui dentro e entendeu que, então a gente pode hoje fortalecer essas pessoas e hoje elas são formadas e com isso elas criaram o cursinho popular São Mateus em Movimento pra dar um segmento pras pessoas pra outra juventude que vim na sequência ter uma possibilidade de cursar uma faculdade. Então quem entende o que é feito e

entende o que quer ser e o que quer fazer tem o São Mateus em Movimento como um grande aliado. Agora quem pensa que é só um espaço pra poder vim nele fazer outras coisas, também pode, claro, mas a gente coloca várias possibilidades.

A nossa vida na favela, principalmente na Vila Flávia, a gente passa pra juventude que a cidade de São Paulo ou estado ou o nosso país que seja, falando um pouquinho só da cidade de São Paulo assim, hoje a gente tem jovens aqui que nunca foram nem na Paulista. O limite da juventude favelada e tudo o mais é até o shopping mais próximo então a gente fizemos o que: mano a vida é muito mais além do que... a nossa cidade tem muito mais coisa e muito mais além do que aqui até o Shopping Itaquera, o Shopping Aricanduva. Quando, no ano que nasce o shopping assim a gente era muito jovenzinho então, puta era da hora sair daqui pra ir até o shopping. Mano não passava a linha, não passava a linha do shopping. Então a música nos proporcionou a passar do shopping. Putz mano, a cidade é grande tem várias coisas maravilhosas e tal favela tem que saber disso mano, nós tem que trazer a juventude pra cá, tá ligado porra que eles podem ter isso, puta a gente também pode, vamos mostrar essas possibilidades pra juventude e tal porque pra nós aqui não chega. O que chega, o que o poder público mandava pra nós aqui era só polícia entendeu. Então a educação já vem defasada, o sistema de saúde já vem defasado, a parte cultural já vem defasada, e nós? Puta se a gente esperar essa resposta do sistema vai demorar. Eles não vão, não vão nos atender. Então criamos o São Mateus em Movimento onde a gente criou essa possibilidade de tirar a juventude de dentro da favela e levar elas pra conhecer o mundo. Hoje o grupo Opni viaja o mundo inteiro aí tem obras nos Estados Unidos outros parceiros já foi no Japão, várias fitas. Então já tá a possibilidade de conhecer o mundo, outros parceiros do Coletivo Coletores também, já tem trabalho na Argentina, Uruguai, mano ene coisas. Então olha as possibilidades que a gente pode mostrar pra toda essa juventude, então quem... da mesma forma que eu tive um rap, o hip hop como uma inspiração, a juventude a gente teve que trazer tudo isso e expor isso pra que a juventude também se espelhasse em nós. Não somos só simples pretinhos da favela, maloqueiros né sem, sem... sem possibilidade de vida melhor. Então a gente além de buscar a possibilidade de uma vida melhor pra nós a gente também quis buscar pra juventude moradora da favela. Né, então hoje as pessoas já parceiros nossos viajam, o nosso trabalho é reconhecido no mundo. Não só como na parte cultural, mas eu também como Mc, como articulador cultural. Nossos parceiros como grafiteiros e tal artistas plásticos e tal tem obras espalhadas por aí a fora. Hoje advogado que tem que saiu formado assim do coletivo através das ... pessoas do São

Mateus em Movimento. Foi reconhecer, ter acesso à Universidade e tudo o mais um cursinho popular. Então são coisas que as pessoas vai se espelhando né e vem seguindo. Isso tem que ser passado pros pais, pra que os pais da nova geração coloque as crianças nessa trilha, não deixe crescer à disposição do sistema e à disposição do sistema do governo e à disposição do sistema criminal que é a parte pior. Então o que queremos pra nossa juventude de hoje, da favela aqui. É uma melhor qualidade de vida e que eles não precisam ser necessariamente, não discriminando assim, no meu caso, com quatorze anos ser ajudante de pedreiro, sabe? Então com quatorze anos ter a possibilidade de estudar, estudar, estudar, e ser um engenheiro, não um ajudante de pedreiro. Então a gente conseguir mostrar isso hoje tem o meu sobrinho-irmão, que a gente...que é filho do meu irmão, que é sobrinho irmão no caso porque nós ajudamos na criação, minha mãe que cria e eu ajudei a criar desde criança né eu cuidava dele. Hoje ele tá acho que no último ano, tá na faculdade, se formando em engenharia. Então veja o que a gente consegue transformar. Então essas possibilidades que a gente tenta explicar pra dentro da comunidade, transformando através da arte e deixando esse patrimônio a gente também consegue que a próxima geração que a gente não possa estar aqui, mas estar em outro lugar, ela possa ver, ver, pesquisar entender como criou, e as possibilidades que a gente apresentou.

Ireldo CPDOC Guaianás: queria saber assim, por que o nome São Mateus em Movimento né e quantos coletivos tão atuando aqui né no espaço, que faz parte do São Mateus em Movimento?

Renata CPDOC Guaianás: aproveita e fala um pouquinho do logo, o que é essa arte quando que ela surgiu?

Negotinho: o São Mateus em Movimento ele é um agregador, ele serviu de inspiração para muitos coletivos culturais na cidade de São Paulo. A nossa forma de atuação, a gente foi procurado por muitas pessoas querendo fazer da mesma forma nas suas comunidades. Então os coletivos que não tinham e as pessoas que também não faziam parte do coletivo, procurou o São Mateus em Movimento pra criar um coletivo e o coletivo que não tinha um espaço de atuação procurou o São Mateus em Movimento pra ser o seu espaço de atuação. Hoje o São Mateus em Movimento tem o grupo Opni que é um coletivo de grafite, um grupo de grafite, tem o Coletivo Coletores que é do arte visual né, a gente tem um coletivo de mulheres as Meninas Clandestinas que a gente fala né que já faz essa parte de mulheres. Então, atuando no São Mateus em Movimento hoje é mais esses coletivos e as pessoas mais individuais, além dos

grupos de rap DRR Posse que é a raiz do rap nacional dentro de São Mateus que tem DE Menos Crime, Consciência Humana, Fim do Silêncio, Rima Fatal, Odisseia das Flores, 3º território, Mentos Carregadas, teve vários grupos né se trata de um coletivo de rap nacional, disco de ouro do rap nacional sem a necessidade da internet. E tendo, muito interessante essas ideia porque tendo uma DRR Posse como uma base pra gente entender que é também um coletivo, porque o barato é muita treta, trabalhar em coletivo é muita treta em todos os sentido, treta de treta e muita treta memo, porque é foda né. Então isso a gente diz até na música, é muita treta. A gente pode entender como é que funcionava um coletivo nessa fita, quais são as suas coisas boas e as coisas ruins, então criamos o São Mateus em Movimento legal, bacana. Mas até então não tinha um nome. Era o espaço, tanto é que ele é conhecido ainda hoje como o espaço, o espaço São Mateus em Movimento virou. E muito bacana assim quando a gente foi criar, teve que ter um nome, a gente colocamo vários nomes, pegamos várias opiniões e tal. Eu tinha na minha cabeça que era OPS, sabe, que era é uma sigla né. Oportunidade e Sabedoria. Nosso espaço era tipo assim, aí hoje vem com outros nomes. Aí o disco de ouro do DE Menos Crime tinha essa questão São Mateus Pra Vida né. Então a gente puta São Mateus Pra Vida, pô negão mas o que tem? Não o negócio é do DE Menos Crime, mas os manos são do nosso coletivo também, é dos nossos parceiros, nós fazemos parte também... não não veio, depois de um tempo vai pegar mal... Chegamos num consenso: São Mateus em Movimento. Ah, mas por que São Mateus em Movimento mano? Puta legal, São Mateus em Movimento, aí já começou a história, é por causa disso, por causa daquilo aí eu puta São Mateus em Movimento, isso conversa com todos os coletivos que a gente tá buscando e a intenção é fazer essas pessoas se movimentarem. Então é São Mateus em Movimento na intenção de fazer as pessoas se movimentar na parte cultural, na parte física, não deixar ninguém parado e vim né se movimentando. Aí hoje, é muito louco isso que a gente vê uma pá de coisa aí em movimento, em movimento... Até coisas da mídia assim, não sei o quê em movimento, talvez não seja por conta do São Mateus em Movimento, é claro. Mas a gente surgiu dessa, criamos esse nome em cima dessa... dessa, dessa história. Pô esse bagulho é bacana, a intenção é fazer as pessoas se movimentar né, no geral né é rap, é o samba, o grafite, a educação é... é, as pessoas que estão passando. Mano não dá pra ninguém ficar parado esperando a oportunidade bater na porta, então ela tem que se movimentar. Pá então surgiu o São Mateus em Movimento. Pô agora a gente precisa de um logo, puta, um logo como que vai ser isso? É... puta vermelho, vermelho mano é uma cor bacana, é uma cor de guerra mano. Tá puta, mas é a cor que o PT usa mano. Mano não tem nada a ver com fita de política, papapa, isso e aquilo outro mano, a cor é vermelha, a cor é vermelha, é a cor do nosso sangue.

Então o vermelho é o sangue, não é a cor politicamente falando, não é a cor do time de futebol, saca? Até mesmo porque eu sou corinthiano (risos). Então teria que ser preto e branco, cara. Mas o vermelho quer dizer o sangue, o sangue da pessoa preta, o sangue da pessoa branca, da pessoa amarela, de todas as pessoas o sangue é vermelho, então eis a cor vermelha do São Mateus em Movimento. Mas e aí mano vamo pá, qual que seria uma cor legal pra colocar pa. A ideia, puta vamo colocar um amarelo, puta vermelho com amarelo dá um contraste legal. Puta deu um contraste legal. Aí Toddy faz a arte pra nós e tal, coloca o nome do São Mateus em Movimento. Ah mais mano, vai ser em letra de pixo vai, vai ser um nome? Não mano, tem que ser uma coisa que a pessoa bata o olho e vê o que tá escrito Então nós usamos uma fonte normal. Aí puta precisa de alguma coisa mano! Aí vê a ideia e volta fala a DRR e tal, essa coisa toda que a gente tinha já outro coletivo, o coletivo de rap homens crânios, homens crânios né, legal bacana. Então tipo assim, eu... pensamos no que puta o amarelo, o amarelo remete a cor do sol. Aí eu falei puta remete à cor do sol, puta que legal, já vamo colocar um sol no nome, um sol saindo atrás da favela. Saca aonde o sol nasce, lado leste, então aqui já temos um sol saindo, tal, tal. Puta mas o baguio ficou muito louco e tal, tal, tal. Essa cor aqui mano, o vermelho a gente tem o sangue, o amarelo a gente tem o sol, mas e além do sol...O ouro meu parceiro, o amarelo mano, a riqueza, a riqueza do conhecimento, não é a riqueza financeira, saca? É a riqueza do conhecimento. A pessoa mais milionária do mundo é a pessoa que é rica de informação, de conhecimento, não é a pessoa rica de dinheiro, entendeu? Então nós viemos nessa linha, pá muito loko isso o sol nascendo atrás da favela e tal, pá que é a cor amarela e tal, amarelo sangue. Olhando, alguém consegue enxergar alguma coisa a mais além do sol? Onde está, da onde parte nosso conhecimento, a nossa, aonde tá armazenada as nossas informações? Na nossa mente, no nosso crânio, você enxerga aqui um crânio, saca? Uma caveira, entendeu (risos). O olho, o nariz e tal, assim. Falando aqui, agora dá pra enxergar uma caveira, saca? Então é muito louco, o coração, o vermelho, bombeia sangue e tal, entendeu? O amarelo, ouro, riqueza, sol, energia pra todos, iluminação pra todos né. No conhecimento tudo: cabeça, crânio, coração e tudo, então a gente vem com essa linhagem. O porque que a gente vai encontrar poucas camisetas do São Mateus em Movimento com outras cores, porque quem tem a camiseta vermelha do São Mateus em Movimento é uma forma da gente se comunicar. Se eu ver um japonês com a camiseta do São Mateus em Movimento, eu já vou ter uma reação de conversa com ele, apesar dele não me conhecer. Mas ele tem uma camiseta vermelha, onde ele conseguiu? Pra conseguir a vermelha é só com a rapaziada do São Mateus em Movimento ou com alguém que conheça. Então eu já tenho uma linha de conversa com a pessoa lá no Japão.

Pô parceiro... pô, legal com essa camisa e tal, quem te deu? Ah, minha prima que mora lá no Brasil. “Quem que é a sua prima? Ah, fulana e pa pa pa” e a gente já cria um relacionamento isso e aquilo e outro, já tô em casa, tô no Japão e já tô em casa, porque eu identifiquei um parceiro com a camiseta do São Mateus em Movimento lá, entendeu? Então tem essa fita como uma forma de comunicação nossa. Então nem todas as pessoas que você vai encontrar de camiseta vermelha é, é necessariamente do São Mateus em Movimento, mas indiretamente ela vai ter uma relação com o São Mateus em Movimento. Ela conseguiu com alguém. No comércio não tem, a não ser com nós aqui, sabe? Aí se for alguma treta ou alguma... coisa azul que seja, é uma coisa promocional que a gente fez pra distribuir, isso e aquilo outro, fazer um sorteio ali e tal, mas aí pode ser qualquer pessoa, pode levar para outro e qualquer canto vai..., cria um pouquinho mais de..., cria ainda um pouquinho de relação. Só que o vermelho é a essência. Quem tem é porque passou por aqui, conhece um de nós, conhece o trabalho do São Mateus isso a gente pode comunicar com isso no mundo inteiro.

Renata CPDOC Guaianás: Negotinho, não vai me dizer que vocês foram lá pro mundial do Corinthians pra ter camiseta no Japão (risos)

Negotinho: queríamos ter ido, queríamos ter mandado através de algum jogador e tal, isso e aquilo outro, mas infelizmente não pode. Mas eu usei assim o Japão como exemplo, mas hoje a gente já tem parceiros nossos do São Mateus, eu tenho um primo, apesar de ser preto, eu tenho primo japonês, porque a tia da minha mãe casou com um japonês de sangue, então a gente tem uma linha da família que é japonês, saca? E hoje tem parente meu morando no Japão, né. Então hoje a gente tem um DJ que é do Rima Fatal da Leste, hoje ele mora no Japão. Que baguio loko, então é... tem essa..., a gente tem esse elo de ligação com o outro lado do mundo. Então esse exemplo da camisa assim é mais pra..., pras pessoas entender a importância de ter uma coisa, seja uma camisa ou um souvenir, um chaveiro e tal, alguma coisa assim do tipo, tem um segmento, com o foco nisso sabe? Então é mais ou menos o que a gente sempre imaginou da importância de ter uma camisa marcante, marcante assim do São Mateus em Movimento. Não é uma simples camisa. Tem uma camisa, essa camisa aqui, eu tenho em torno de 72 quilo, essa camisa aqui ela pesa mais de uma tonelada mano. É uma camisa pesada, entendeu? Então pra portar ela, a pessoa também tem que ser forte pra usar. Não é qualquer pessoa que usa, não aguenta. É igual vestir o manto sagrado do Corinthians então né. É uma coisa pesada saca, nessa intenção. Por isso que eu falo, mano pra ter uma camiseta vermelha do São Mateus em

Movimento ou conhece, ou participa, ou alguma coisa tem, porque não é qualquer pessoa que tem também, entendeu? Ou que pode ter acesso. Se tiver uma..., pra ter o..., qualquer pessoa pode ter né meu, assim desculpa a expressão, mas qualquer pessoa pode ter, mas pra ela ter, ela vai ter que vim, conhecer o trabalho, fazer um rolê na Favela Galeria pra ver um pouco da nossa história pra que depois ela possa também reverberar isso fora. Então é foda, é muita treta.

Ireldo CPDOC Guaianás: Como é que tá funcionando as atividades do São Mateus em Movimento nesse momento de pandemia?

Negotinho: No momento de pandemia, uma coisa também que a gente tem de...de... na essência do trabalho assim é a questão de ser sempre atuante né na comunidade. Toda comunidade tem que ter uma ou mais liderança, saca? Não digo assim: ah a liderança do bairro. Não é como se fosse assim: o líder comunitário. Não, não é nessa linha que eu tô falando, porque as vezes o líder... o líder comunitário, ele tá sendo o líder comunitário pra atender os interesses dele e de quem frequenta aquela sede ali de comunidade. Então o São Mateus em Movimento ele já é atuante desde 2013 como eu já havia dito e desde 2013 a gente sempre teve um trabalho voltado pro social, pra dar uma assistência pra quem precisa e tudo o mais. E hoje nesse momento de pandemia que o mundo está passando a gente mais intensificou o trabalho do que a gente fazia. Infelizmente a gente teve que encerrar as atividades presenciais né. E também não tivemos muito tempo pra ficar fazendo live, porque a gente teve que buscar através da liderança que a comunidade tem, teve que buscar é parceiros, pra ver como que a gente poderia tá ajudando a comunidade na parte básica, de alimentação, produto de higiene e limpeza, álcool em gel, máscara, tal tal isso e aquilo outro. Então nesse momento de pandemia o São Mateus em Movimento intensificou o trabalho. Então buscamos parceiros pra trazer cesta básica pra dentro da comunidade, pra dar essa assistência, pra trazer também além da cesta básica é o que eu sempre falei: “não adianta alimentar o estômago, matar a fome e deixar a mente vazia. Cê alimenta o estômago e esquece de alimentar o cérebro. Isso é foda, entendeu? Então a gente começou a colocar informativos sobre o COVID dentro da comunidade, começou a falar, começou tal a dar uma atenção nessa parte. Buscamos vários parceiros como a CUFA, Colégio Dante Alighieri, é uma empresa que se chama Perfilados na Arte, que trabalha com aço..., pra ajudar também com cesta básica. É o SENAC, pessoa física também ajudou. [Casas Verbo] Casa Verbo nos ajudou demais. É... tem... Ação Educativa ajudou nós demais também, [Centauro] Centauro Esportes também deu uma força. Tem vários coletivos assim, várias,

várias empresas, vários parceiros que a gente foi buscar é... e eles nos atenderam devido à credibilidade que o São Mateus em Movimento construiu ao longo da sua história, entendeu? Então a gente pode colocar dentro da nossa comunidade, chutando baixo umas 50 toneladas de alimento dentro da comunidade. Se for falar em cesta básica, foi mais de 5 mil cestas básicas, 10 mil cestas básicas, sabe? Então é muita coisa. E aí onde entra a questão da liderança que eu disse. Se a comunidade não tem liderança, além de nós aqui, foram poucas ações que a gente viu que estavam fortalecendo a comunidade com alimentação. Nem a igreja fez isso. Nem as igrejas, entendeu? Então, cidade solidária, por exemplo. Cidade solidária a gente conseguiu uma doação, veio uma vez. Pô mas se dependesse do projeto Cidade Solidária a nossa comunidade, a grande maioria, ia passar fome. Morre de COVID, morre de fome, morre da doença por conta do esgoto a céu aberto. Várias coisas que antes da pandemia que mano, já tinha... nós já tava com esse B.O. A favela já carrega esse B.O. Então nós intensificamos o trabalho, buscamos alimentar as pessoas, né, com alimento, mas também com a informação. Fizemos algumas coisas na rua, fizemos um trabalho com grafite, com a arte do Cris, do Bône, do grupo Opni também pra alertar o uso de máscara, sobre o uso de máscaras. Uma coisa é eu falar pô coloca a máscara, coloca a máscara, mas na hora que a pessoa passa na frente de uma arte que ela vê aqui aquele artista desenhou um personagem mascarado, ela vai lembrar que ela precisa colocar a máscara. Além de também homenagear, dentro dessa arte, os ACSs que circulam dentro da nossa comunidade que a gente fez a parceria também com o pessoal do SUS, da UBS aqui de São Mateus, pra gente pode também, sabendo de alguma pessoa que estava doente ou está precisando de um atendimento, a gente ter um elo de ligação direto com a UBS e fazendo com que a UBS mandasse um ACS na casa pra poder dar uma assistência direta pra família. Então é uma questão de aproximação. Então a gente fez também uma homenagem nesse grafite pros profissionais da saúde que estavam na linha de frente além de nós. Nós começamos o trabalho de prevenção do COVID, buscar cesta básica, nós começamos esse trabalho e encerramos a atividade presencial do São Mateus em Movimento em 17 de março. Veja bem, 17 de março. É... 15 de março, se eu não me engano, veio essa explosão toda falando que ia fechar isso, fechar aquilo, tal tal tal, aí começou esse movimento. Em 17 a gente começa a nossa campanha. A nossa campanha ela não encerrou ainda, mas ficamos cinco meses direto, cinco meses direto doando todos os sábados, todos os sábados cerca de 100 a 150 cestas básicas atendendo não só a Vila Flávia, mas como São Mateus no geral. Porque nesse momento de pandemia entra essa questão do São Mateus em Movimento né, é São Mateus em Movimento, é atender no geral. É muito frustrante pra uma família, quando ela chega em um local pra buscar o seu alimento,

porque se ela tá buscando o alimento é porque a família tá passando uma necessidade. Imagina uma pessoa vindo de Itaquera para a Favela Galeria, onde foi nosso ponto de entrega e coleta, indo buscar o alimento e ouvir algum membro da organização falar “não, essas cestas básicas que tão aqui, essas duzentas cestas básicas que tão aqui é pra atender essa favela”. Então nós não fizemos isso, né? Então quem veio nos procurar, qualquer lugar, atendemo gente de tudo quanto é lugar, veio nos procurar não importa de onde seja, da onde está vindo, a fome ela tá em todas as pessoas. Então veio procurar, tinha cesta básica, leva pra família, faça bom uso e tal. Se precisar de nós, dá um toque aí no Facebook, dá uma ligada e tal, isso e aquilo outro, que a gente vai procurar dar uma assistência. Então nós não atendemos só a Vila Flávia, atendemos São Mateus no geral: Vila Flávia, Divinéia, Colonial, Tietê, veio o pessoal de Itaquera, veio o pessoal de Mauá, veio o pessoal de Santo André, nas nossas possibilidades a gente atendeu. É claro que a gente não conseguiu atender todo mundo, às vezes faltou até pra um vizinho, mas é aquela tal coisa também né a gente não conseguiu, e também a gente não tinha corpo pra isso e também nem podia por conta da circulação do vírus de bater em porta em porta, ver quem tava precisando do alimento, fizemos muito pouco isso. Mas a gente conseguiu espalhar na comunidade que a gente tava fazendo cadastramento, ficha, isso e aquilo outro. As pessoas podiam nos procurar pra ter uma assistência. Então a gente conseguiu atender família pra caramba. Se a gente for contar, fazer uma conta básica assim. Se... se no mês tem quatro fins de semana, então por mês a gente tava doando em torno de 500 cestas básicas.

Renata CPDOC Guaianás: Ô Negotinho e das atividades do movimento, do São Mateus em Movimento com o live, vocês chegaram a fazer nesse período ou outras coisas?

Negotinho: A gente fez live, alguma live de entrega das cestas, alguma coisa assim do tipo, né. Live, participamos de outras lives, mas não o São Mateus em Movimento, nós não realizamos as lives e tal até mesmo por conta de, porque a gente tava atuando presencialmente. Entendeu? A gente não conseguiu parar pra falar: “mano, vamo ligar nossas câmeras aqui, vamos falar, fazer uma live de música fazer pá”, mano essa questão nossa cultural pra falar a verdade. Questão cultural que eu digo assim a música e tal. Sabe essas coisas assim que muita gente fez, vamos dizer assim. Mano a parte cultural, é que nem eu disse mano, isso tudo é entendimento das necessidades que tem, do que a gente aprendeu. Mano a gente deixou a nossa parte cultural, na real, musical e tudo mais, em segundo e terceiro plano. Saca? O importante era o tete a tete na rua, ver quem tava passando fome na rua, dentro das comunidades, saca? Então pra gente virar o foco, falar mano vamos fazer live de rap, vamo fazer live disso, daquilo pa pa pá a gente claro que a gente tem estrutura pra fazer. Mas a gente fez 90 % o atendimento

as famílias e 10% live. Tipo nós não focou nessa fita, entendeu? Porque a gente viu que o mais importante era tá dando uma atenção pras famílias mais necessitadas, e através das lives a gente não ia angariar isso. Porque é... até mesmo porque a rede social em si, onde tem essas transmissões, essas coisas tudo, não tá com nós, nós não tem esses milhares de seguidores ou mais que a nossa live pudesse reverberar bem pra atender essa questão, saca? Então, tipo, como que a gente poderia fazer uma live pra dez pessoas. Saca? Fazer uma live pra dez pessoas, é melhor tá na rua e atendendo cem. Né então a gente deixou essa parte de lives assim e tudo o mais e ajudando mais as pessoas na rua e tal. Eu acho que isso foi um marco pro São Mateus em Movimento. Essa questão da pandemia. A gente pode, a população pode conhecer um pouco mais do que é o São Mateus em Movimento e a necessidade de cada comunidade ter a sua liderança, ter o seu ponto cultural que seja, porque chegou nesse momento de pandemia que ninguém esperava e as comunidades que não teve essas lideranças em si, que não pensasse em si próprio, a comunidade no geral sofreu, porque ficou esperando uma assistência do governo que não veio até hoje. Nem na questão do auxílio, porque a questão do auxílio também ficou muito problemática. Né, então tem um monte de auxílio acumulado, se as pessoas fossem depender do auxílio também tinha morrido de fome ou da COVID. Então é... isso pra nós foi muito marcante assim e tal. Acho que foi por isso que a gente não conseguiu focar em live. Talvez se a gente tivesse 300 milhões de seguidores e essas fita tudo se a gente postasse alguma coisa pra pedir cesta básica pra essas pessoas aí a gente conseguiria. Mas aí eu tava analisando também pesquisando, tudo mais, eu tava vendo umas live com 20 pessoas, 30 pessoas, você vai numa live do Gustavo Lima, 5 milhões de pessoa, saca? Pô mas aí é um trabalho musical, isso e aquilo outro, ta arrecadando. Tá arrecadando, mas é pra outro segmento e tal isso e aquilo outro...Nós não conseguiria fazer essa quantidade de pessoas pra poder ter, atender essa demanda. Então a gente tava memo no dia a dia memo, na guerra memo, deixando essa parte virtual de lado assim.

Irelto CPDOC Guaianás: Gostaria de saber como é que vocês guardam os registros desses 13 anos de história né, as atividades, os momentos enfim que aconteceram, as atividades no espaço, as transformações, as pessoas que passaram, as pessoas que não passaram. Como é que vocês guardam esse patrimônio desses 13 anos.

Negotinho: é um barato muito louco e um pouco de falta de educação nossa nessa questão. E também a questão eletrônica né, digital. Hoje as nossas coisas tão mais na parte da nuvem, tão mais na memória do computador e na memória das pessoas, saca? Nós não conseguimos, não tivemos esse pensamento de “mano vamo guardar isso, vamo guardar aquilo”. Hoje a gente tem

obras, tem umas coisas que fizemos e alguns quadro e tal, tem uns quadrinho ali de alguma atividade que a gente fez, o Ensaio Geral, isso e aquilo outro. Mas a gente não teve esse pensamento de falar, mano a gente tem que guardar e cuidar e pra nós construir um patrimônio né histórico. A gente tem um livro que a nossa parceira Amanda fez também que se chama Memórias de Um São, tem alguma coisa nesse livro né. As coisas, infelizmente, elas estão muito guardada no digital mesmo, tá tudo na nuvem. A gente tem fotos desde o início de como aqui era ruim e quando aqui era só o telhado e tudo aberto. A gente tem essas fotos, mas tudo no digital. As transformações mesmo, as transformações que ocorreram e tudo o mais, foram no realismo memo, no nosso dia a dia, o nosso maior patrimônio do São Mateus em Movimento hoje é o nosso espaço. O nosso rap hoje é o nosso espaço, nosso patrimônio que a gente pode deixar pra dentro da comunidade é um espaço aconchegante de cultura, isso e aquilo outro e depois as pessoas vai ter como pesquisar através da internet. Mais palpável a gente não pensamos isso ainda, a gente tem muita foto, tem que nem eu já falei livros, tem quadros. Lá na Favela Galeria tem uns quadros que contam um pouco da nossa história de como era a comunidade, de como está hoje. Então tudo isso é um patrimônio. É claro que a gente tinha que ter é..., é... guardado mais coisas assim, coisas físicas no caso né. É até uma coisa que a gente pode até repensar e tal e começar a fazer pra ter isso também, né. Então a gente tem muita coisa guardada na internet, que conta um pouco da nossa história e coisas palpáveis, tá mais lá no nosso espaço de arte lá que é a Favela Galeria, onde tem os quadro, tem os print que retratam um pouco da história de como era antes e como está hoje.

Renata CPDOC Guaianás: Legal, eu acho que a gente podia...

Negotinho: Posso falar uma coisa ainda?

Renata CPDOC Guaianás: Claro.

Negotinho: Importante. A gente tem também, quase que eu esqueço..., a gente também tem um patrimônio importante que é um filme chamado “A Minha Fortaleza” que está concorrendo, que estava concorrendo até ontem um festival nos Estados Unidos, festival de produtores pretos, afrodescendentes e tal. Ele estava no festival dos Estados Unidos até ontem o filme tá aberto, Minha Fortaleza, que partiu da história dum ator da região nosso também, também um dos fundadores do São Mateus em Movimento, Fernando Macário. E nesse filme tá eu sem pai, Fernando Macário também é... em cima da história, filho adotivo tal tal tal isso e aquilo outro e também o Cleber Braga conhecido como Barão, tá no filme também. É um filme que começa contando a nossa história de vida, as nossas dificuldades, aquilo outro e transforma para o empoderamento da mulher, a força da mulher. A força das mães solo em criar seus filhos com

n dificuldades até ali o início dos anos 2000 quando tinha muita chacina, essas coisas tudo, então cê ter hoje um filme que conta um pouco dessa história e a força dessas mães pra criar esses filhos que no qual criam o São Mateus em Movimento pra dar outras possibilidades pra outros jovens, isso é maravilhoso. Então nós temos esse patrimônio que é o filme *A Minha Fortaleza* que está concorrendo aos festivais e esperamos que chegue nos cinema do Brasil, que o que né essa parte do audiovisual brasileiro dê essa atenção pro cinema brasileiro. Que a gente possa entrar numa sala de cinema e deixar o filme pra que outras mães também se empoderem e ver que nem tudo está perdido apesar da ausência dos pais.

Renata CPDOC Guaianás: Negotinho cê falou lá no começo que vocês passaram cinco anos sem se....

Negotinho: Indigente.

Renata CPDOC Guaianás: Porque indigente, por que se tornar uma associação, o quanto isso modificou na vida de vocês e como é que vocês lidaram, porque tem todo um aparato burocrático. Como é que vocês se organizaram pra realizar isso?

Negotinho: Então a gente no começo de 2007 e 2011 a gente falava assim que a gente era indigente na situação documental. Então era um espaço que tá tendo rap, tá tendo um show, tá tendo o Ensaio Geral, tá tendo uma ação de grafite isso e aquilo outro e as pessoas que já conheciam como é que funcionava uma ONG, uma Associação e tudo o mais, eles viam a gente transformando a comunidade com um espaço já legal, isso e aquilo outro e eles perguntavam como que a gente conseguia fazer isso, aquilo que cê..., né. É motoqueiro, tem a profissão e tal, trabalha, emprega alguma coisa dentro do espaço. Os mano do grafite e tal trabalha fora, o que sobra de tinta vem pintando a quebrada tal tal isso e aquilo outro. Então nós foi fazendo, nós era Mc também, conhecia muito, muitos grupos de rap e tudo o mais e tal, contato, isso e aquilo outro, vamo fazer Ensaio Geral, então era de dez a quinze grupos de rap às vezes duas vezes no mês isso e aquilo outro. Tão vindo muita pessoa, mano como que vocês conseguem fazer isso e tal tal. Cêis tem documento? Não. Documento pra quê? Cêis tem que ter a documentação, porque com a documentação vocês podem concorrer a editais. Mas que que é edital? Nós não sabe e tal isso e aquilo outro. É onde vocês escreve o projeto que o governo e aí uma empresa aprova o projeto de vocês e dá recurso pra vocês trabalhar. Mas e pra ter isso? Puta pra ter isso vocês tem que ter a documentação antes, vocês tem que ser, tem ONG, tem OSCIP, tem associação a aí nós procuramos o melhor e o mais fácil na época pra gente poder se documentar. Aí criamos, reunimos assim o coletivo sem formação praticamente nenhuma disso, procuramos um advogado pra poder nos explicar, fizemos a nossa reunião ali né e começamos a desenvolver

o nosso estatuto aí ele pode conseguir abrir o nosso CNPJ em 2011. E aí onde a gente começou a perceber que a gente tinha espaço pra concorrer a qualquer edital, qualquer projeto, isso e aquilo outro, mas também faltava o que pra nós, pessoas qualificadas pra escrever o projeto. Porque o nosso projeto era o que a gente faz, a gente já vem fazendo, só que nós não sabemos colocar isso no papel, tem vários projetos que a gente escreveu que não foi aprovado, isso mostra também que não é só a concorrência que conta. Então é colocar isso no papel memo num formato que se é pra um projeto do governo do Estado é uma coisa, se é pro governo federal já é outra coisa, se é pra iniciativa privada já é uma outra coisa, saca? Então a gente teve que ter esses conhecimentos e tal e buscar pessoas que pudessem nos ajudar, onde a gente conheceu o Aluizio, o Aluizio Marino veio pra dentro da comunidade e também tem aquela questão: ele morava na Vila Mariana e estava começando acho que a Pós-Graduação dele na...na...Universidade Federal de Santo André. Aí pô vou estudar lá em Santo André, na Vila Mariana pra Santo André já é um corre depois ter que passar em São Mateus pra poder fazer isso com vocês tal vai ser muita treta e tal. Então porque você não vem morar aqui e tal? Mora aqui na quebrada e tal. Então aí ele veio pra dentro da quebrada no tempo que ele foi fazer a pós dele ele ficou morando dentro da quebrada, dentro do ateliê, da onde hoje é a Favela Galeria. Entendeu? Então olha a cabeça: pra ele poder entender como a comunidade funciona e o que a gente precisava, ele precisou vim morar aqui. Não é também essa fita de alegre tal vou tentar escrever e tal porque também pra ele colocar no papel o que a gente tava dizendo e se ele não visse também ia ficar muito complicado pra ele conseguir formular. Então ele falou mano pra ajudar vocês da melhor forma, a gente vamo tentar dar uns cursos aí de formação, de escrita de projetos, fizemos vários. Foi muito requisitado isso, veio projeto de tudo quanto é lado também pra aprender. Aí a gente conseguiu escrever uns PROAC pro grupo OPNI pra ajudar na Favela Galeria. Nós como São Mateus em Movimento em si, nós não conseguiu muitos projetos, mas conseguimos um de Ponto de Cultura. Nós, São Mateus em Movimento, é reconhecido com Ponto de Cultura, Né, o único projeto mesmo no nome do São Mateus em Movimento foi o do Ponto de Cultura. Demais não teve foram sempre de coletivos agregados que pode também, né, adquirir esse conhecimento no São Mateus em Movimento, e falar pô vamos fazer essa carta de anuência aqui e se aprovado vamos fazer essas atividades aqui. O São Mateus em Movimento sempre foi um guarda-chuva assim pras, pros coletivos e pra adquirir esse conhecimento. Então é... o Aluizio morou com nós aqui uns quatro anos, uns quatro anos por aí ele morou aqui né pra dar essa força. Então foi mais ou menos assim que a gente conseguiu ter a informação de

editais e tal de como formular e tal projetos. Mas hoje a gente nem tem tanta habilidade assim nisso, a cada projeto inscrito a gente vai aprendendo um pouco.

Renata CPDOC Guaianás: Além de Ponto de Cultura, você falou do PROAC, tem algum outro edital...

Negotinho: VAI, Favela Galeria pegou o fomento, né, que o Aluizio também ajudou a escrever...fomento à periferia...Esse ano nós não conseguimos. Cê vê que o bagueio é tão louco que a gente não conseguiu inscrever o fomento porque a gente estava voltado pra ajudar a população na questão do COVID. Então, nós não conseguimos parar pra fazer live e não conseguimos parar pra sentar e escrever o edital do fomento. Então, tipo, puta isso é ruim pra nós? Em hipótese alguma porque o que a gente fez, o impacto que a gente causou dentro da comunidade, não há dinheiro que pague. Entendeu? Então a maior riqueza nossa é poder fazer isso. É poder ter esse conhecimento que as vezes o barato não é o financeiro. É claro que o financeiro ajuda muito, mas você poder ajudar as pessoas também porque as pessoas, a maioria das pessoas não tem também essa questão do dinheiro. Ele já não tem o dinheiro e também não tem o conhecimento. Pô, mas a gente tem o conhecimento. Então a gente pode alimentar isso como conhecimento aonde ele pode conseguir o dinheiro através desse conhecimento que ele conseguiu no São Mateus em Movimento. É uma engrenagem né? Então é isso, o São Mateus em Movimento ele é tudo isso que foi dito nessas imagens e muito mais.

É como eu disse o rap assim ele foi fundamental pra nós quando a gente fazia esse rap muito crítico, isso e aquilo outro a gente pode também ter a experiência pra poder criar o São Mateus em Movimento. Vou tentar fazer aqui um pouco do *Ação Contra o Estado*, um rap que a gente tem que é uma ação mais crítica. Depois eu parto pra fazer um pouco do rap onde a gente consegue... um rap que a gente consegue entrar dentro das pessoas, consegue entrar dentro das escolas, consegue retratar um pouco da nossa infância, do que as nossas comunidades tem, tinha de brincadeiras, de forma de vida assim e tal. Vou tentar se tornar, porque é como eu disse, o rap ele pra mim, eu deixei de deixar ele como um primeiro plano pra ser o São Mateus em Movimento o primeiro plano, porque o São Mateus em Movimento ele é o rap materializado. E assim o nome da música e *Ação Contra o Estado* e ela tem esse videoclipe no Youtube, *Ação Contra o Estado* e *Rima Fatal da Leste* tem a participação do DE Menos Crime e tem a participação do Consciência Humana e do Fernando Macário também. É assim:

Rap

O Estado vai tremer/Quando bater com a força do povo a revolta contra o sistema/Pra todos aqueles que sonham com o mínimo de decência/Educação, moradia, segurança/Saúde sem carência/Pena de mim de você/É um erro/Um ato falho/Subestima o gueto depois sofre com o crime organizado/Ataques a viaturas a bases militares/Baixas na corporação dos canalhas/Atos covardes que matam/Arrasam, devastam as quebradas/Periferias, ruas fechadas pneu queimando/Gritos/Revolta das tias que sofrem com as percas/Herdeiros da miséria/Bixo pega/Morte, sequela, caixão, algumas velas/Confronto com a tropa de choque/Bombas de efeito moral/Gás lacrimogênio/Cassetete pra cima do pessoal/Que sofre com as percas reivindicam melhorias/Sai na rua/Na ira bate de frente com a polícia.

Esse é um rap crítico assim como eu disse, tem a participação de membros do Consciência Humana, do DE Menos Crime, do Fernando Macário, né que a gente pode estar fazendo. Eu tenho outra música, que é uma música que fala já um pouco da infância dentro das quebradas e tal, das brincadeiras que é a música que eu fiz entre aspas uma crítica pra questão industrial do pipa, que é uma música que eu vou falar do pipa, empinar pipa, essas fita tudo que mexe com o conhecimento da criança. Quando a criança aprende a fazer pipa, ela aprende a medir né, ela tem a coordenação motora, ela consegue fazer a parte do artesanato, que aí você encapa o seu pipa. E quando isso vira indústria, vira industrializado, isso vai se perdendo. Então as crianças acaba perdendo essa...essa prática e tal de ter essa coordenação motora através da arte e tal, coloca o pipa no alto, toma um relógio, faz outro pega uma sacolinha de plástico, qualquer coisa, já encapa. Então todo esse corre aí das criança foi se perdendo e tal. A habilidade de dar nó, fazer rabiola. Hoje você compra o pipa já feito com rabiola, a linha com cortante. Industrializou. Com isso quem perde é a juventude, as crianças e tal. Aí eu fiz uma música. E a questão que eu falo da e é uma crítica também, é a questão da linha, da linha chilena no caso que é até proibida e tal e essas coisas todas. Mas se tornou industrial, algumas pessoas perdem, algumas pessoas ganham e milhares de pessoas perdem. Então eu vou fazer um pouco desse som.

Rap:

Até empinar pipa antigamente era diferente/Não existia linha chilena, era Lipaza ou Corrente/O pipa era artesanal, todo ele feito a mão/Tinha raia e peixinho e não existia peixão/Atravessada a madrugada com toda disposição/Afinando as varetas pra fazer a

armação/Deu pipa recapado/Não tinha satisfação/E fazer a rabiola com enchimento e separação/Tudo era mais legal/Uma laça mais leal/Com cortante ou sem cortante/Sempre alguém passava a mão/Fazia aquele mululu/Ganha quem tem mais puxada/Empinar pipa é divertido de quebrada/Até empinar pipa antigamente era diferente/Não existia linha chilena, era lipasa ou corrente/ Até empinar pipa antigamente era diferente/Não existia linha chilena, era lipasa ou corrente/Como tudo tem seu tempo, tudo tem sua época/Já foi o tempo de pipa/Agora é o das fubeca, as bolinha/Eu tinha a coleção com uma mira mais certa/Fui fazendo a junção/A leiteira/a paraguaia/a verdinha/ e o bulidão/Jogava box e triângulo/Valendo mais de cem a mão/E quando eu perdia tudo/Veja que situação!/Andava dentro do rio podre/Procurando a diversão/Era coisa de muleque totalmente sem noção/Empinei pipa/Joguei bolinha/Agora vou rodar peão/ Até empinar pipa antigamente era diferente/Não existia linha chilena, era lipasa ou corrente/Como eu havia dito/Vou manter a tradição/Empinei pipa, joguei bolinha, agora vou jogar peão/Joga pra baixo/Puxa pra cima/Sem deixar cair no chão/Com peão sempre rodando/Vai passando de mão em mão/Ao cair a noite para nós é só alegria/Dá um salve nas menina/Vamo brincar de salada mista/A noite está bonita, iluminada, tá mó lua/Pega-pegas, esconde, esconde, mãe da rua e mãe da mula/Isso era toda noite e não existia perigo/Quem se lembra tá ligado/Curte a vida e vem comigo/Vou dar bandeira/E dar fuga no meu/Cavalo de aço/Grita no meu da rua e a sumir e tal/Fiz dezoito, agora não é mais brincadeira, eh nós.